BESTSELLER DO NEW YORK TIMES • VENCEDOR DO PRÉMIO GOODREADS

«Se o verão pudesse caber inteiro num só livro, seria em *Malibu Renasce*.»
OPRAH DAILY

Malibu Renasce

Taylor Jenkins Reid

TOP SELLER

Malibu pega fogo.

É o que Malibu faz, de tempos a tempos.

Os tornados assolam as planícies do Midwest. As cheias tomam conta do sul da América. Os furacões libertam a sua fúria no golfo do México.

E a Califórnia arde.

A terra ardeu um sem-número de vezes em 500 a.C., quando era habitada pelos índios Chumash. Ardeu em 1800, quando os colonizadores espanhóis se instalaram na região. Ardeu no dia 4 de dezembro de 1903, quando Frederick e May Rindge eram os proprietários da extensão de terreno a que hoje chamamos Malibu. As chamas consumiram 48 quilómetros de linha costeira, incluindo a casa de praia vitoriana que lhes pertencia.

Malibu ardeu novamente em 1917 e em 1929, muito depois de as primeiras estrelas de cinema terem ido para lá viver. Ardeu em 1956 e em 1958, quando os surfistas e as raparigas que faziam da praia um modo de vida ocuparam as suas costas. Ardeu em 1970 e em 1978, depois de os *hippies* se instalarem nos seus desfiladeiros.

Ardeu em 1982 e 1985, em 1993 e 1996, em 2003, 2007 e 2018. E outras vezes entre essas.

Porque é da natureza de Malibu arder.

• • •

Nos limites de Malibu, existe hoje em dia um cartaz que anuncia: MALIBU, 43 QUILÓMETROS DE BELEZA CÉNICA. A comprida e estreita povoação que ocupa a linha costeira ao longo de quase 50 quilómetros é constituída por oceano e montanha, dividida por uma

estrada nacional de duas faixas chamada Pacific Coast Highway, ou PCH[1].

A oeste da PCH existe uma extensa série de praias que acolhem as ondas azuis e cristalinas do oceano Pacífico. Em muitas zonas da costa, as casas de praia, estreitas e altas, sucedem-se em catadupa ao longo da estrada, onde competem pelas melhores vistas. A linha costeira é irregular e rochosa. As ondas são enérgicas e límpidas. O ar que se respira é fresco e salgado.

Diretamente a leste da PCH encontram-se as montanhas, áridas e imensas. Dominam a paisagem em tons de verde-sálvia e âmbar, cobertas de arbustos do deserto, árvores selvagens e vegetação rasteira quebradiça.

A terra é seca. Uma caixa de fósforos. Amaldiçoada e abençoada pela brisa.

Os ventos locais de Santa Ana, poderosos e quentes, aceleram pelas montanhas e pelos vales e deslizam do interior em direção à costa. Reza a lenda que são agentes do caos e da desordem. Em bom rigor, são um acelerador.

A mais pequena faúlha em contacto com a vegetação ressequida pode transformar-se num inferno à solta de labaredas vermelhas e cor de laranja que devora a terra e produz um espesso fumo negro que substitui o azul do céu, obscurece a luz do sol por quilómetros e põe cinza a cair como flocos de neve.

O ambiente natural — ervas, arbustos e árvores — e as casas — cabanas e mansões, ranchos, vinhas e quintas — desaparecem nas chamas, deixando para trás a terra queimada.

Mas, como sempre acontece, a terra rejuvenesce, pronta para acolher algo novo.

Destruição. E renovação, ressurgir das cinzas. A história do fogo.

• • •

[1] A Pacific Coast Highway é uma importante via rodoviária, integrada na California State Route 1, que atravessa a maior parte da costa do Pacífico, entre Orange County e Mendocino County. [*N. T.*]

O incêndio de Malibu de 1983 não teve início nas colinas secas, mas antes na linha costeira.

Começou no número 28150 da Cliffside Drive, num sábado, 27 de agosto — na casa de Nina Riva —, durante uma das festas mais famosas da história de Los Angeles.

A festa anual ficou fora de controlo por volta da meia-noite.

Às 7 horas da manhã, as chamas estendiam-se por toda a costa de Malibu.

Porque, assim como era da natureza de Malibu arder, também era da natureza de determinada pessoa atear o fogo e virar-lhe as costas.

Sábado, 27 de agosto de 1983

Primeira Parte

Das 7h00 às 19h00

7h00

Nina Riva acordou e nem sequer abriu os olhos.

A consciência surgiu devagar, como que a informá-la suavemente de que o dia rompera. Ela continuou deitada a sonhar que estava no mar com a prancha de surf colada ao peito, antes de despertar para a realidade — que centenas de pessoas lhe invadiriam a casa, daí a 12 horas. Ao acordar realmente, foi uma vez mais confrontada com a ideia de que todas essas pessoas que chegariam à noite teriam decerto conhecimento da indignidade que lhe acontecera. Lamentou-se pela situação, sem sequer espreitar pelas cortinas das pestanas.

Se escutasse com atenção, conseguia ouvir as ondas a rebentar na base da falésia — só ao de leve.

Sempre imaginara comprar uma casa como aquela onde crescera com os irmãos, na Old Malibu Road. Uma modesta cabana de praia junto à PCH, erguida sobre estacas que entravam pelo mar adentro. Guardava boas recordações da água a salpicar as janelas, da madeira meio apodrecida e do metal ferrugento que, juntos, seguravam o chão sob os seus pés. Ela queria um pátio de onde pudesse olhar para baixo e visse a maré a subir, onde ouvisse o barulho forte das ondas.

Mas Brandon queria viver no cimo de uma falésia.

Como tal, ele comprara aquela mansão de vidro e betão à beira da falésia no enclave de Point Dume, 15 metros acima do mar, de que ela se encontrava separada por uma caminhada íngreme ao longo de rochas e degraus até alcançar a espuma das ondas.

Nina continuou a tentar ouvir o som do mar, de olhos fechados. De que valia a pena abri-los? Não havia nada para ver.

Brandon não estava na cama. Brandon não estava em casa. Não estava sequer em Malibu. Brandon estava no Beverly Hills Hotel,

com as suas paredes cor-de-rosa e as suas palmeiras verdes. Ele estava — quase de certeza àquela hora — a dormir abraçado a Carrie Soto. Quando acordasse, ergueria provavelmente um braço e, com a sua manápula, desviaria o cabelo dela para lhe beijar o pescoço. E depois os dois começariam a fazer as malas para o Open dos Estados Unidos.

Bah.

Nina não odiava Carrie Soto porque ela lhe roubara o marido, visto que os maridos não podiam ser roubados. Carrie Soto não era uma ladra; Brandon Randall é que era um traidor.

Ele constituía a única razão de Nina Riva ter ido parar à capa da edição de 22 de agosto da revista *Now This*, cujo título anunciava: O DESGOSTO DE NINA — COMO METADE DO CASAL DOURADO DA AMÉRICA FICOU PARA TRÁS.

A revista apresentava um extenso artigo dedicado ao facto de o marido, jogador profissional de ténis, a ter abandonado para ficar com a amante, também ela jogadora profissional de ténis.

A fotografia da capa não era má de todo. A revista escolhera uma imagem de uma sessão fotográfica que Nina fizera nas Maldivas, no início do ano, em fato de banho. O conjunto que aparecia na capa era um biquíni cavado rosa-fúchsia. Os seus olhos escuros e as sobrancelhas espessas sobressaíam emoldurados pelos longos cabelos castanhos alourados pelo sol, ainda um bocadinho húmidos e ligeiramente ondulados. E depois, claro está, lá estavam os seus famosos lábios, com a metade inferior carnuda e a metade superior mais delgada — os lábios Riva, como lhes chamaram quando se tornaram famosos no rosto do pai, Mick.

Na fotografia original, Nina segurava uma prancha de surf, a sua *thruster* da Town & Country, branca e amarela, de um metro e noventa de comprimento. Na fotografia editada da capa, a prancha fora apagada, mas Nina já se habituara a isso.

Nas páginas dedicadas ao artigo, havia uma fotografia que alguém lhe tirara no parque de estacionamento de um supermercado,

três semanas antes. Nina usava um biquíni branco e um vestido florido por cima. Fumava um *Virginia Slims* e carregava uma embalagem de seis cervejas. Quem observasse a imagem com atenção, percebia que tinha estado a chorar.

Ao lado dessa fotografia havia uma do pai, de meados dos anos 60. Ele era alto, moreno e convencionalmente bem-parecido. Na fotografia, captada em frente ao Tancas Market, aparecia vestido com calções de banho, camisa havaiana e sandálias, a fumar um *Marlboro* e a carregar um saco de mercearias. Por cima das fotografias, podia ler-se: A MAÇÃ NÃO CAIU LONGE DA ÁRVORE DOS RIVAS.

Na capa, a revista mostrava Nina no papel de mulher abandonada por um homem famoso. No interior, mostrava-a no papel de filha de outro homem famoso. Quando Nina pensava nisso, apetecia-lhe gritar.

Abriu finalmente os olhos e fitou o teto. Afastou os lençóis e saltou da cama, vestida apenas com a parte de baixo de um biquíni. Desceu as escadas de betão até chegar à cozinha revestida com pavimento cerâmico, abriu as portas de vidro deslizantes e saiu para o jardim.

Inspirou o ar salgado.

A manhã ainda estava fresca, com a brisa que marca presença em todas as regiões costeiras a soprar da direção do mar. Nina conseguia sentir o vento a deslizar-lhe pelos ombros enquanto pisava a relva imaculadamente aparada, as pontas aguçadas das folhas a enfiarem-se entre os dedos dos pés. Continuou a andar até alcançar a beira da falésia.

Observou o horizonte. O oceano não podia estar mais azul, parecia quase tinta. O sol ocupara o seu lugar no céu há cerca de uma hora, mais coisa, menos coisa. As gaivotas guinchavam à medida que subiam e desciam sobre o mar.

Nina percebeu que o mar estava bom, com a ondulação a deslocar-se, vincada e espaçada, em direção a Little Dume. Observou a chegada de um primeiro conjunto de ondas. Um bom *set*.

Parecia-lhe uma tragédia que aquelas ondas rebentassem sozinhas, sem ninguém para as reivindicar.

Ela fá-lo-ia.

Permitiria que o oceano a curasse, como sempre fizera.

Nina podia estar a viver numa casa que nunca teria escolhido para si. Podia ter sido abandonada por um homem que, bem vistas as coisas, a fizera esquecer-se do motivo por que decidira casar-se com ele. Mas o Pacífico era o seu oceano. E Malibu era a sua casa.

Brandon nunca percebera que a glória de viver em Malibu não tinha que ver com luxos, mas antes com a natureza selvagem.

A imagem que Nina guardava de Malibu era mais rural do que urbana, com as suas colinas cheias de trilhos de terra e cabanas humildes.

O que Nina adorava na sua terra natal era o modo como as formigas encontravam sempre uma maneira de alcançarem as bancadas das cozinhas, de como às vezes os pelicanos deixavam os seus dejetos nos corrimãos dos alpendres, de como as bermas das estradas por pavimentar se enchiam com o estrume dos cavalos dos vizinhos que por ali passavam, a caminho do mercado.

Nina vivera naquela pequena extensão de costa a vida inteira, e sabia que pouco ou nada podia fazer para impedir o seu inevitável desenvolvimento. Assistira à transformação. Ranchos humildes substituídos por bairros destinados a famílias de classe média. Agora, Malibu ameaçava tornar-se uma terra de imponentes mansões viradas para o mar. Escusado será dizer que, existindo aquelas vistas, seria uma questão de tempo até os podres de ricos tomarem conta de tudo.

A única surpresa tinha sido o facto de que ela se casara com um deles. Agora, dir-se-ia que ela própria conseguira a sua fatia do mundo, quer gostasse da ideia quer não.

Daí a instantes, Nina regressaria para dentro de casa. Vestiria o fato de banho e voltaria a caminhar até à beira da falésia, de onde desceria por um dos lados para ir buscar a prancha de surf guardada numa cabana instalada no areal.

Mas, por enquanto, Nina pensava apenas na festa e nas pessoas que teria de enfrentar, sabendo que todas elas tinham já conhecimento de que o seu marido a deixara. Nina deixou-se ficar quieta. Não estava pronta para se virar.

Em vez disso, Nina Riva permaneceu na beira da falésia, onde nunca quisera estar, a observar a água que desejava ter mais perto, e, pela primeira vez na sua vida tranquila, gritou para o vento.

— Fica aqui. — Jay Riva saltou do seu *CJ-8*, galgou o portão de um metro e meio, percorreu o acesso de gravilha e bateu à porta da casa da irmã mais velha.

Não obteve resposta.

— Nina! — chamou. — Estás a pé?

As parecenças físicas eram extraordinárias. À semelhança da irmã, Jay era alto e esguio, embora mais musculado do que magro. Os olhos castanhos, as pestanas longas e o cabelo curto e desgrenhado davam-lhe aquele bom ar de quem conseguia fazer tudo. Com calções de banho compridos, t-shirt coçada, óculos escuros e chinelos, parecia exatamente aquilo que era: um surfista de competição.

Jay bateu novamente, desta vez com mais força. Mas nada.

Pensou em continuar a bater à porta até que Nina saísse da cama. Porque, sabia ele, a irmã acabaria por aparecer. Porém, aquele não era o momento de se comportar como um palerma para Nina. Em vez disso, Jay virou as costas, tornou a pôr os óculos escuros e regressou ao jipe.

— Acho que hoje somos só os dois — disse.

— Devias acordá-la — sugeriu Kit. — Ela não perdia estas ondas.

A pequena Kit. Jay ligou o motor e deu início à manobra de inversão de marcha, tendo o cuidado de garantir que as pranchas não tombavam no banco de trás.

— Ela consulta as mesmas previsões — respondeu. — Sabe que o mar está bom. E sabe tomar conta de si.

Kit refletiu um instante e espreitou pela janela. Melhor dizendo, espreitou pelo espaço aberto onde haveria uma janela, se aquele modelo de jipe tivesse portas.

Kit era magra e pequenina. Compacta. Toda ela tendões e pele bronzeada. Tinha cabelos castanhos compridos, clareados à conta de sumo de limão e de muitas horas ao sol, sardas que lhe pontilhavam a cana do nariz e as maçãs do rosto, olhos verdes, lábios cheios. Parecia uma miniatura da irmã, faltando-lhe a elegância natural e a postura descontraída. Era bonita, mas porventura um bocadinho estranha, ou vice-versa.

— Tenho medo de que ela esteja deprimida — disse Kit. — Fazia-lhe bem sair de casa.

— A Nina não está *deprimida* — disse Jay, já a chegar ao cruzamento onde as estradas do bairro convergiam para a PCH. Olhou para a esquerda e para a direita, calculando a sua vez de entrar na faixa. — Só levou com os pés.

Kit revirou os olhos.

— Quando eu e a Ashley terminámos... — prosseguiu. Aceleravam agora no sentido norte da PCH, com a base das montanhas à direita e o vasto mar azul à esquerda, o barulho do vento tão intenso que ele tinha de gritar para se fazer ouvir. — Fiquei chateado, claro, mas depois passou-me. Tal como vai passar à Nina. As relações são assim.

Jay parecia ignorar que, na altura em que Ashley pusera um ponto final na relação, ele ficara de tal maneira transtornado que precisara de duas semanas para sequer admitir que aquilo acontecera. Mas Kit nunca se atreveria a falar-lhe disso, porque o irmão poderia confrontá-la com a *sua* vida amorosa. Com 20 anos, Kit nunca beijara ninguém, e esse facto pesava-lhe todos os dias, todos os instantes, com mais ou menos intensidade. No que tocava ao amor, o irmão falava muitas vezes com ela como se estivesse perante uma criança, e quando fazia isso, Kit dava por si a corar — tanto de vergonha como de raiva.

Jay abrandou ao aproximar-se de um semáforo vermelho.

— Só estou a dizer que a água lhe faria bem — insistiu Kit.

— A Nina vai ficar ótima — disse Jay. Percebendo que não havia outros carros no cruzamento, pisou o acelerador sem esperar que a luz do semáforo mudasse.

— O que vale é que nunca gostei do Brandon — disse Kit.

— Gostavas, sim — disse Jay, lançando-lhe um olhar de soslaio. Jay tinha razão. Ela gostara dele. Gostara muito, aliás. Todos eles.

O barulho do vento aumentou à medida que o jipe ganhava velocidade, e nenhum dos dois falou até ao momento em que Jay fez inversão de marcha e estacionou na berma da estrada, junto ao acesso a County Line Beach, um extenso areal no ponto mais setentrional de Malibu, onde os surfistas marcavam presença na água o ano inteiro.

Naquele dia, com a ondulação a entrar de sudoeste, havia condições para as ondas formarem magníficos tubos. E para os dois se exibirem um bocadinho, se estivessem para aí virados.

Jay conquistara o primeiro e o terceiro lugares em duas edições do Campeonato Nacional de Surf. Nesses dois anos, aparecera em três capas da *Surfer's Monthly*. Tinha um patrocínio da *O'Neill*. Uma proposta da *RogueSticks* para criar uma linha de pranchas com o nome Riva. Era o favorito para vencer o torneio Triple Crown, que nesse ano se realizava pela primeira vez.

Jay sabia que era um excelente surfista, mas tinha consciência de que o nome do pai pesava na atenção que recebia. Por vezes, custava distinguir até que ponto isso acontecia. A sombra de Mick Riva pesava na vida de todos os seus filhos.

— Pronta para mostrar a estes gajos como se faz? — perguntou Jay.

Kit anuiu com um sorriso manhoso. A arrogância do irmão tinha tanto de irritante como de divertida. Aos olhos de algumas pessoas, Jay podia ser considerado o surfista mais excitante da América continental. Para Kit, ele era apenas o irmão mais velho, cujas manobras aéreas começavam a perder o brilho.

— Bora lá! — disse ela.

Um tipo baixo, com uma expressão afável e um fato de neopreno despido pela cintura, avistou Jay e Kit enquanto saíam do jipe. Seth Whittles. Tinha o cabelo molhado, puxado para trás. Estava a enxugar o rosto com uma toalha.

— Meu, tinha a certeza de que te encontrava aqui esta manhã — disse ele, quando Jay contornou o jipe. — Os tubos estão do melhor que há.

— Estou a ver que sim — disse Jay.

Seth era um ano mais novo do que Jay e, nos tempos de escola, andara sempre um ano atrás dele. Agora, ambos adultos, Seth e Jay frequentavam os mesmos círculos e surfavam as mesmas ondas. Jay tinha a impressão de que Seth encarava isso como uma espécie de vitória pessoal.

— Temos festa de arromba esta noite — disse Seth, o tom denunciando alguma vaidade, e Kit percebeu imediatamente que ele estava a confirmar que fora convidado. Kit lançou-lhe um olhar e Seth sorriu-lhe, como se só agora se tivesse dado conta de que ela estava ali.

— Ei — disse ele.

— Olá.

— Podes crer, vamos ter festa — disse Jay. — Na casa da Nina, em Point Dume. Tal como no ano passado.

— Fixe, fixe — disse Seth, com um olho cravado em Kit.

Enquanto Seth e Jay falavam, Kit tirou as pranchas do jipe e pôs-se a encerá-las. Depois, carregou-as até ao areal. Jay foi finalmente ao seu encontro e pegou na sua prancha.

— O Seth vai lá estar, pelos vistos — disse Jay.

— Foi o que percebi — respondeu Kit, enquanto colocava o cabo de ligação à prancha no tornozelo.

— O gajo estava a olhar para ti — disse Jay, que nunca vira ninguém fazer olhinhos a Kit. Os homens olhavam para Nina, claro, a toda a hora, mas nunca para Kit.

Jay observou a irmã mais nova à luz do sucedido. Aquilo significava o quê? Que ela se tornara uma mulher desejável? Era o tipo de coisa em que preferia não pensar.

— Nem reparei — respondeu Kit.

— O Seth até é porreiro, mas foi estranho ver um gajo a fazer olhinhos à minha maninha — disse Jay. — E à frente do meu nariz.

— Tenho 20 anos — disse Kit.

Jay franziu o sobrolho.

— Ainda assim.

— Descansa, mais depressa me apanhas morta do que enrolada com o Seth Whittles — disse Kit, levantando-se e agarrando na sua prancha. — Não percas o sono por causa disso.

Seth era um tipo bem-parecido, calculava Jay. Simpático. Andava sempre a correr atrás de raparigas que convidava para jantar e o diabo a quatro. Dificilmente seria o pior que Kit podia arranjar. Às vezes, gostava mesmo de saber que raio se passava na cabeça da irmã.

— Pronto? — disse Kit.

Jay assentiu.

— Vamos!

Tal como haviam feito um sem-número de vezes a vida inteira, os dois correram em direção às ondas, para depois se deitarem com os corpos colados às pranchas, lado a lado, enquanto remavam para lá da rebentação.

Havia uma mão-cheia de surfistas na água, mas a presença dominante de Jay fez-se imediatamente notar pelo movimento dos corpos na água, que depressa abriram espaço no alinhamento, mal o viram chegar.

No instante seguinte, Jay e Kit estavam prontos para a primeira onda do dia.

Hud Riva, que era baixo enquanto os irmãos eram altos, entroncado em vez de atlético, que no verão apanhava escaldões quando os outros exibiam uma pele dourada, era o mais inteligente do grupo. Bastante mais, aliás, para não compreender as implicações do que estava a fazer.

Encontrava-se a 13 quilómetros mais a sul na PCH, na sua *Airstream* estacionada ilegalmente em Zuma Beach e com a cabeça enfiada entre as pernas de Ashley, a ex-namorada do irmão.

Aquilo não era, porém, como ele poria a coisa. Para Hud, aquilo era fazer amor. Havia simplesmente demasiada paixão no que estava a fazer, o que retirava qualquer vestígio de vulgaridade para ser outra coisa senão amor.

Hud adorava a covinha solitária que Ashley tinha numa bochecha, os olhos verdes e dourados e os cabelos louros. Adorava que ela não soubesse pronunciar a palavra *antropologia*, o facto de ela nunca se esquecer de lhe perguntar por Nina e Kit, e de o seu filme favorito ser *As Loucuras de uma Recruta*.

Hud adorava o dente torto que apenas se tornava visível quando Ashley se ria. Quando ela o apanhava a fitar o dente, ficava envergonhada, cobria a boca com a mão e ria-se com mais força — outro pormenor que ele também adorava.

Nesses momentos, não eram raras as vezes em que ela lhe batia e, com um brilhozinho nos olhos, lhe dizia: «Para com isso, estás a deixar-me envergonhada!» E quando ela fazia isso, Hud sabia que Ashley também o amava.

Ashley elogiava-lhe muitas vezes os ombros largos e as pestanas compridas. Adorava a preocupação que ele mostrava pela família. Admirava-lhe o talento, a maneira como o mundo parecia mais

bonito filtrado pela lente da sua máquina fotográfica do que aos olhos dela. Admirava-lhe a coragem necessária para partilhar ondas perigosas com os surfistas — a nadar ou montado numa moto de água, com um monstro de câmara ao ombro — e capturar, com a mais perfeita combinação de luz e movimento, o que Jay conseguia fazer em cima de uma prancha.

Ashley considerava aquilo a mais extraordinária das façanhas. Porque, bem vistas as coisas, as três capas da *Surfer's Monthly* não tinham resultado apenas do mérito de Jay, mas também do trabalho de Hud, o responsável pelas imagens mais icónicas do irmão.

A onda a rebentar, a prancha a rasgar a superfície da água, a espuma, o horizonte...

Jay surfara aquela onda, mas era Hud quem transformara aquilo num hino à beleza. O nome Hudson Riva estava naquelas três edições da revista, e Ashley acreditava que Jay precisava tanto de Hud como Hud precisava de Jay.

Razão pela qual, quando olhava para Hud Riva, Ashley via um homem discreto que não precisava nem de fama nem de elogios. Via alguém que se impunha sozinho. Um homem, em vez de um rapaz. E ao vê-lo assim, Ashley também fazia com que Hud se sentisse mais homem do que nunca.

A respiração de Ashley tornou-se mais superficial à medida que Hud aumentava o ritmo. Ele conhecia o seu corpo, sabia como lhe agradar. Não era a primeira nem a segunda nem a décima vez que fazia aquilo.

Quando terminou, Ashley puxou Hud para se deitar ao seu lado. O ar no interior da *Airstream* estava quente e húmido — os dois tinham fechado as janelas e as portas antes de darem sequer um beijo, tal era a preocupação de serem vistos, ouvidos ou até *sentidos*. Ashley sentou-se e abriu uma nesga da janela junto à cama, convidando a brisa a entrar. O ar salgado cortou a humidade.

Conseguiam ouvir as famílias e os grupos de jovens na praia, as ondas a rebentar no areal, o apito estridente de um nadador-salvador na torre de vigia mais próxima. Uma boa parte de Malibu

era constituída por praias de acesso restrito, mas Zuma Beach — aquela ampla extensão de areia fina e de costa desobstruída ao longo da PCH — era para toda a gente. Num dia como aquele, atraía famílias de toda a região de Los Angeles que procuravam usufruir de um último dia de praia memorável, antes de terminar o verão.

— Olá — sussurrou Ashley, com um sorriso tímido.

— Olá — respondeu Hud, embevecido.

Ele agarrou-lhe na mão esquerda e pôs-se a entrelaçar os seus dedos nos dela.

Seria capaz de se casar com Ashley. Sabia que sim. A ideia não lhe causava estranheza. Tinha a certeza de que nunca sentira o que sentia por ela. Sentia que sabia isso desde o dia em que nascera, embora soubesse igualmente que isso era um disparate.

Sentia-se pronto para oferecer o corpo e a alma a Ashley, tudo o que tinha, o que pudesse oferecer. O casamento de sonho, os filhos que ela quisesse. Qual era o problema de se dedicar a uma mulher? Parecia-lhe absolutamente natural.

Hud tinha apenas 23 anos, mas sentia-se pronto para assumir o papel de marido e construir uma família e uma vida com Ashley.

Só tinha de encontrar uma maneira de contar a Jay.

— Então, esta noite... — disse Ashley, endireitando-se para se vestir. Vestiu a parte de baixo do biquíni e uma t-shirt com a sigla UCLA no peito, em letras azuis e douradas.

— Espera. — Hud levantou-se de um salto e quase bateu com a cabeça no tejadilho. Usava uns calções canelados e estava de tronco nu. Tinha grãos de areia nos pés. Os seus pés estavam sempre sujos de areia. Era como ele e o irmão e as irmãs tinham crescido: com areia nos pés, nos soalhos, nos carros, nas malas, sacos e chuveiros. — Despe a t-shirt. Por favor — disse, enquanto se debruçava para pegar numa das suas máquinas fotográficas.

Ashley revirou os olhos, mas ambos sabiam que ela lhe faria a vontade.

Hud espreitou pelo visor da máquina e fitou-a.

— Tu és arte.

Ashley revirou outra vez os olhos.

— E isso que disseste não podia ser mais foleiro.

Hud sorriu.

— Eu sei, mas juro-te que nunca o disse a outra mulher no planeta. — O que era verdade.

Ashley cruzou os braços sobre o peito, agarrou no rebordo da t-shirt e puxou-a por cima da cabeça, os longos cabelos dourados caindo sobre os ombros e as costas. Hud acompanhou o gesto com o dedo a premir o botão do obturador, capturando, assim, cada instante da sua nudez.

Ashley sabia que a lente de Hud a tornaria linda. E quanto mais Hud disparava, mais ela se sentia confortável e entusiasmada pela ideia de estar a ser vista por ele. Devagar, começou a desatar as fitas que seguravam a parte de baixo do biquíni e, decorridos três cliques rápidos, já não havia nada entre ela e a lente.

Por uma fração de segundo, Hud levantou o dedo do obturador, surpreendido pela iniciativa, pela vontade que ela mostrava de ir mais longe do que ele alguma vez lhe pedira. E continuou a fotografá-la. De todos os ângulos possíveis.

Ashley sentou-se na cama e cruzou as pernas, e ele aproximou-se com a câmara.

— Continua a disparar — disse ela. — Dispara até terminarmos.

E então Ashley desabotoou-lhe os calções, puxou-os para baixo e levou a sua boca até ele. E Hud continuou a fotografá-la, até terminar, altura em que ela levantou os olhos e disse:

— Estas são só para ti, entendido? Promete-me que revelas o rolo pessoalmente. Mas são tuas para sempre. Porque te amo.

— OK — disse Hud, sem desviar os olhos dela e ainda aturdido. Ashley era incrível de várias maneiras ao mesmo tempo. Confiante o suficiente para mostrar tamanha vulnerabilidade. Generosa, mas controlada. A tranquilidade que sentia perto dela era inquestionável, mesmo quando ela lhe punha o coração a mil.

Ashley levantou-se e tornou a vestir o biquíni e a t-shirt, desta feita com convicção.

— Bem, voltando ao assunto da festa... — disse, lançando um olhar a Hud, como que a avaliar a sua reação. — Acho que não devia ir.

— Pensei que tínhamos decidido — começou Hud, mas Ashley interrompeu-o.

— A tua família já tem problemas suficientes para resolver. — Começou a calçar as sandálias. — Não achas?

— Estás a falar da Nina? — disse Hud, seguindo-a até à porta. — Ela vai ficar bem. Pensas que isto é o pior que lhe aconteceu?

— Exato — disse Ashley, saindo da *Airstream*, os pés tocando na areia, o sol a bater-lhe nos olhos. — Não quero dar um espetáculo. A tua família...

— Atrai atenção suficiente? — alvitrou Hud.

— Pois, isso. E não quero transformar-me noutro problema para a Nina.

Era este tipo de consideração pela irmã, com quem Ashley estivera apenas um punhado de vezes, que encantara Hud desde o início.

— Eu sei... mas temos de lhes contar — disse Hud, puxando-a para si. Pôs-lhe um braço por cima dos ombros e encostou a sua cabeça à dela. Beijou-lhe o cabelo. Cheirava a óleo bronzeador, um aroma artificial de coco e banana. — Temos de contar ao Jay — clarificou.

— Eu sei — disse Ashley, pousando-lhe a cabeça no peito. — Só não quero ser essa pessoa.

— Qual pessoa?

— A cabra, percebes? A cabra que se atravessa entre dois irmãos.

— Não digas isso. Fui eu que me apaixonei por ti. Não tens culpa disso. E foi a melhor coisa que me aconteceu.

O destino também se engana. Foi a conclusão a que Hud chegara. Era como tirava sentido de muitas coisas que lhe tinham acontecido na vida. Não sabia qual era a mão que o guiava — a ele e a toda a gente — na direção de um determinado futuro, mas era certo e sabido que a viagem não seria concluída sem erros.

Por vezes, o irmão errado conhecia a rapariga certa primeiro. A situação não precisava de ser mais complicada do que isso. Quando muito, Hud e Ashley estavam apenas a emendar o destino.

— Não sei onde estava com a cabeça quando me envolvi com o Jay — disse Ashley, libertando-se do braço de Hud, sem lhe largar a mão.

— Foi o que pensei quando te conheci — disse Hud. — Pensei: «Esta rapariga não devia estar com o Jay.»

— Pensaste que devia estar contigo?

Hud abanou a cabeça.

— Não, pensei que estavas muito acima do meu nível.

— Bem, ao menos admites.

Ashley afastou-se novamente, desta vez esticando o braço e cravando os calcanhares na areia, com o corpo inclinado, a mão de Hud a única coisa que a impedia de tombar no chão. Hud deixou-a ficar pendurada um instante e puxou-a de volta.

— Quero que venhas à festa — disse. — Vamos contar ao Jay e vai correr tudo bem.

Havia um acordo tácito entre ambos. O que iam contar a Jay era mentira. Uma meia-verdade, vá. Tencionavam admitir que estavam juntos. Só não revelariam que aquilo começara seis meses antes, depois de um encontro fortuito em Venice Beach, quando Ashley e Jay ainda eram um casal.

Nessa noite, Ashley trazia um casaco de ganga e um vestido cor de coral que esvoaçava ao sabor da brisa. Hud usava uns calções brancos, uma camisa azul e sapatos de vela.

Cada um estivera a beber com amigos quando se cruzaram junto a uma loja para turistas, daquelas que vendia camisolas estampadas com frases foleiras e óculos de sol baratos.

Pararam para se cumprimentar e disseram aos amigos que os apanhariam mais à frente. Porém, o que deveria ser uma breve troca de impressões transformou-se numa conversa mais demorada, e depressa perceberam que nenhum dos dois fazia tenção de se juntar novamente aos amigos.

Continuaram a conversar enquanto caminhavam descontraidamente pelo passeio marítimo, visitando lojas e bares. Hud experimentara um chapéu de cowboy, de palha, e Ashley rira-se a bandeiras despregadas. Ashley agarrara num laço de Mulher-Maravilha e pusera-se a fingir que o rodopiava no ar. E só pelo sorriso dela, Hud percebera que a noite ameaçava transformar-se em algo que não esperavam.

Horas mais tarde, depois de muitas bebidas, enfiaram-se numa das casas de banho de um bar chamado Mad Dogs. Ashley murmurou ao ouvido de Hud: «Sempre te quis. Sempre te quis a ti, em vez dele.» *Ela sempre o quisera em vez dele*.

Um segundo depois de ela o dizer, Hud beijara-a, agarrando-a pelas coxas e levantando-a em peso contra a parede. Ela cheirava a uma flor cujo nome desconhecia. O cabelo era suave ao toque. Nunca o corpo de uma mulher colado ao dele lhe dera semelhante prazer, como naquela noite.

Quando terminaram, sentiam-se extasiados, saciados e leves como ar... até a culpa se abater sobre ambos.

Hud considerava-se um tipo decente. E, no entanto... os tipos decentes não dormiam com a namorada do irmão.

E não mais do que uma vez, certamente.

Mas acontecera naquela noite e noutra. E depois um jantar num restaurante a quatro cidades de distância. E depois umas quantas conversas acerca de como Ashley devia terminar a relação com Jay.

O que ela fizera.

Há cinco meses, Ashley aparecera a bater à porta da *Airstream* às onze da noite, e dissera a Hud:

— Acabei com ele. E quero que saibas que te amo.

Hud puxara-a para dentro, agarra-lhe no rosto e respondera:

— Também te amo. Amo-te desde... não sei. Muito antes do que devia.

E agora ambos tentavam ganhar algum tempo, enquanto esperavam pela oportunidade perfeita para revelar a meia-verdade a Jay.

Uma meia-verdade entre meios-irmãos, embora Jay e Hud nunca se considerassem como tal.

— Vem à festa — pediu Hud a Ashley. — Estou pronto para contar a toda a gente.

— Não sei — disse Ashley, pondo os seus óculos escuros brancos e pegando nas chaves. — Logo se vê.

8h00

Nina estava no meio das ondas, a debater-se para encontrar as que rebentavam tranquila e demoradamente para o lado direito, o tipo de onda que procurava naquele momento.

Não estava ali para «rasgar», nem as ondas estavam propícias a manobras radicais. Tudo o que queria era surfar graciosamente na sua *longboard*, saltitar com passos cruzados e alcançar o nariz da prancha até a onda a derrubar.

A praia estava quase deserta. Esse era o privilégio exclusivo de uma pequena enseada rodeada de falésias de 15 metros. Embora a praia fosse pública, as únicas pessoas que a frequentavam eram as poucas que lhe acediam através de escadarias privadas ou as que palmilhavam a costa irregular e arriscavam ser surpreendidas pela subida da maré.

Naquela manhã, Nina partilhava a enseada com duas raparigas adolescentes que vestiam fatos de banhos fluorescentes e estavam ali deitadas ao sol a ler romances de Jackie Collins e Stephen King.

Como não havia mais ninguém na água, Nina sentara-se na prancha, para lá do pico das ondas, sem pressa de ir a lado nenhum. Enquanto ali estava a flutuar, com o vento a refrescar-lhe a pele molhada, o sol a bater nos ombros despidos, as pernas a baloiçar dentro de água, sentia já uma pequena porção da paz que viera procurar.

Uma hora antes, os nervos e ansiedade tinham chegado ao ponto de dar por si a pensar em cancelar a festa. Mas não podia fazer isso a Jay, Hud e Kit. Todos os anos, os irmãos ansiavam por aquela noite, e depois falavam dela durante meses, se fosse preciso.

A primeira festa acontecera anos antes, um convívio desregrado que juntara surfistas e *skaters* locais em casa dos Rivas, com muita cerveja à mistura, para celebrar o último sábado de agosto.

De lá para cá, a fama de Nina havia aumentado e ela casara-se com Brandon, o que a tornara um foco de maior atenção.

Todos os anos, a festa parecia atrair mais pessoas conhecidas — atores, estrelas da música, modelos, escritores, realizadores e até alguns atletas olímpicos. De alguma forma, o pequeno convívio transformara-se na festa onde todos queriam aparecer e ser vistos, nem que fosse para dizer que estavam lá *quando*.

Quando, em 1979, Warren Rhodes e Lisa Crowne se atiraram nus para a piscina. Quando, em 1981, as supermodelos Alma Amador e Georgina Corbyn se puseram aos beijos em frente aos maridos. Quando, no último ano, Bridger Miller e Tuesday Hendricks se conheceram e partilharam um charro no jardim de Nina. Duas semanas depois, estavam noivos; em maio, Tuesday deixara Bridger plantado no altar. A revista *Now This* publicara um artigo. «O casamento que não chegou a sê-lo», dizia o título.

As pessoas contavam um sem-número de histórias acerca do que acontecia nas festas dos Rivas, e nem a própria Nina podia confirmar se algumas eram verdade.

Havia quem dissesse que Louie Davies descobriu Alexandra Covington na piscina de Nina. Reza a história que ela estava a nadar sem a parte de cima do biquíni. Louie ofereceu-lhe o papel de prostituta em *Deita-os Abaixo* e, dois anos mais tarde, Alexandra era uma atriz premiada com um Oscar.

Outra história, esta ocorrida na festa de 1980, dava conta de que Doug Tucker, o novo manda-chuva dos Sunset Studios, apanhou uma bebedeira e pôs-se a dizer a toda a gente que tinha provas de que Celia St. James era lésbica.

Teria Rob Lowe, vizinho de Nina, cantado *Jack & Diane* na cozinha com Emilio Estevez, outro vizinho, na festa do ano anterior? Havia quem jurasse que sim. Nina nunca soube ao certo.

Ela nunca estava a par de tudo o que acontecia nas festas, nem de toda a gente que aparecia, já agora. Interessava-lhe mais saber se os irmãos e a irmã se divertiam, o que era um dado adquirido.

No ano anterior, Jay e Hud tinham fumado erva com todos os membros dos Breeze. Kit passara a noite inteira a conversar com Violet North no quarto de Nina. Isto acontecera uma semana antes de o disco de estreia de Violet alcançar o número 1 das tabelas. Desde então, Jay e Hud conseguiam bilhetes para qualquer concerto dos Breeze que quisessem ver. Kit, por sua vez, passara semanas a falar da imensa pinta de Violet.

Portanto, Nina sabia que não podia cancelar uma festa daquelas. Os Rivas não eram como a maioria das famílias, visto que eram apenas os quatro, mas tinham as suas tradições. Além disso, não havia maneira de cancelar uma festa para a qual ninguém recebia convite. As pessoas iriam aparecer, quer ela quisesse quer não.

A sua grande amiga Tarine, aliás — que Nina conhecera numa sessão fotográfica da *Sports Illustrated* —, dissera-lhe que Vaughn Donovan planeava aparecer na festa. Ora, Nina tinha de admitir que Vaughn era provavelmente o ator mais atraente que ela vira no ecrã. Em *Noite Louca*, a cena no parque de estacionamento do centro comercial em que ele sorria e tirava os óculos escuros ficara-lhe gravada na cabeça.

À medida que observava um novo conjunto de ondas a entrar de oeste, Nina decidiu que a festa não era uma maldição, mas uma bênção. A festa era exatamente aquilo de que precisava. Merecia aproveitar umas horas de descontração e loucura. Podia partilhar uma garrafa de vinho com Tarine. Podia namoriscar, dançar.

A primeira onda passou por Nina e rebentou uns metros mais à frente. Enrolara-se para a direita, lenta e consistentemente, como ela esperava. Como tal, assim que viu chegar a segunda onda do mesmo *set*, Nina remou para acompanhar a deslocação da água e, no momento certo, pôs-se de pé.

Deixou-se levar pela onda, sem pensar em mais nada senão em compensar, em como poderia dar e receber em igual medida. Não pensou no futuro ou no passado, só no presente. *Como posso ficar, aguentar-me, equilibrar-me? Melhor, mais tempo, com mais facilidade.*

À medida que a onda acelerava, Nina fletiu mais as pernas. Quando a onda abrandou, ela começou a direcionar a prancha para cima e para baixo, para gerar mais velocidade. Com a onda dominada, e movendo-se com uma graciosidade que não comprometia a velocidade, Nina dançou, delicadamente, até ao nariz da prancha. Deixou-se ali ficar, os pés bem assentes na beirinha, os braços esticados a manterem o equilíbrio.

Em todos os momentos difíceis, era aquela graciosidade que sempre a salvara.

UM DIA PARA REVIVER A HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA. A NOITE QUE MUDARÁ TUDO PARA SEMPRE.

Malibu, 1983. Chegou o dia da festa de final de verão organizada todos os anos por Nina Riva, e não há ninguém que não queira estar presente e conhecer pessoalmente os famosos irmãos Riva: a supermodelo Nina, o surfista Jay, o fotógrafo Hud e a promissora Kit. Filhos do lendário cantor Mick Riva, há muito que os quatro exercem um enorme fascínio, não só em Malibu mas um pouco por todo o mundo.

Cada um dos irmãos tem as suas razões para ansiar pela festa, com exceção da própria Nina, que nunca desejou ser o centro das atenções. E talvez de Hud, que tem algo a confessar. Jay, por outro lado, espera impacientemente por alguém. E Kit decidiu tornar a noite especial. Porém, nenhum deles poderia antecipar o desfecho daquela celebração.

A meio da noite, a festa estará completamente fora de controlo. Pela manhã, a mansão de Nina estará irreconhecível. Mas, até que isso aconteça, haverá álcool a circular, música a soar bem alto e muita gente famosa animada naquela que se tornará a festa da década. E no meio de todo esse burburinho irão ressurgir memórias e segredos que marcaram várias gerações da família.

«Uma leitura compulsiva acerca dos laços familiares e da capacidade de nos libertarmos.»

KIRKUS REVIEWS

Não perca também, da mesma autora:

Penguin Random House Grupo Editorial

Literatura Traduzida

penguinlivros.pt

topseller.editora

ISBN 9789896233907

9 789896 233907 >